

NEGRO DRAMA

NO INTERIOR DO RIO
GRANDE DO SUL UMA
COMUNIDADE DE
AFRICANOS SENEGALESES
BATALHA PARA
CONSEGUIR SEU LUGAR
ENTRE OS BRASILEIROS

TEXTO E FOTOS — FELLIPE ABREU

STRANCA

NEGRO DRAMA

NO INTERIOR
DO RIO GRANDE DO SUL
UMA COMUNIDADE
DE AFRICANOS
SENEGALESES BATALHA
PARA CONSEGUIR
SEU LUGAR
ENTRE OS BRASILEIROS

TEXTO E FOTOS — FELLIPE ABREU



O dia começa a raiar em Erechim, cidade de pouco mais de 100 mil habitantes no interior do Rio Grande do Sul. Há seis anos morando no Brasil, o senegalês Serigne Ndwaw se levanta todos os dias junto com o sol, às 6h da manhã, toma café com sua família em uma pequena casa de fundos e vai para mais um dia de trabalho como soldador em uma montadora. Enquanto isso sua esposa, Aissatou Kante, arruma Mouhamet Fallou Kdaw, filho brasileiro de apenas um ano do casal, e com a criança a tiracolo vai abrir a lan house que tem com o marido.

No curto caminho entre sua casa e o pequeno negócio que complementa a renda da família Aissantou é parada diversas vezes. “Como a cidade aqui é pequena, em qualquer lugar que você vai encontrar um senegalês”, conta, enquanto tomamos um refrigerante com outros três senegaleses que trabalham como vendedores na rua Torres Gonçalves, no centro da cidade.

Na volta de sua jornada de trabalho na lan house, como de costume, Aissatou visita alguns amigos. Na casa geminada de apenas dois quartos, vivem dez senegaleses, sete deles trabalham na construção civil, um é padeiro e outros três ainda não trabalham, porque chegaram há pouco tempo. Os salários variam de 800 à 1.300 reais e o aluguel dividido entre eles dá cerca de 100 reais por mês. Segundo eles, cada um gasta por mês aproximadamente 250 reais com comida.

Amontoados no jardim, moradores, amigos e conhecidos conversam aos berros enquanto um deles mostra todo o seu talento gastronômico na cozinha, preparando uma grande travessa de thiebou guinar, um prato típico feito com arroz frango. A paz só é interrompida quando colocam no Youtube uma partida de lamb – luta tradicional do Senegal. No vídeo os dois lutadores mais famosos do país, Eumeu Séne e Modou Lô, se digladiam. A sala se divide na torcida, até



Labolarr ovit
vullupi tatemque
solentus et
vendiaec epel et
offia plia vtust
autatem rem qui
dign tatemque
solentus et
vendiaec
epel et offia plia
vtust autatem rem



que Séne cai com as costas no chão. Fim de papo, e os fãs de Lô, vão ao delírio como se estivéssemos no Senegal.

NÃO DEVE SER LEGAL NO SENEGAL

Sacolejando em uma Land Rover da década de 1980 caindo aos pedaços vamos seguindo em esburacado caminho de terra até a fronteira do Senegal com a Gâmbia. Pelo vidro sujo

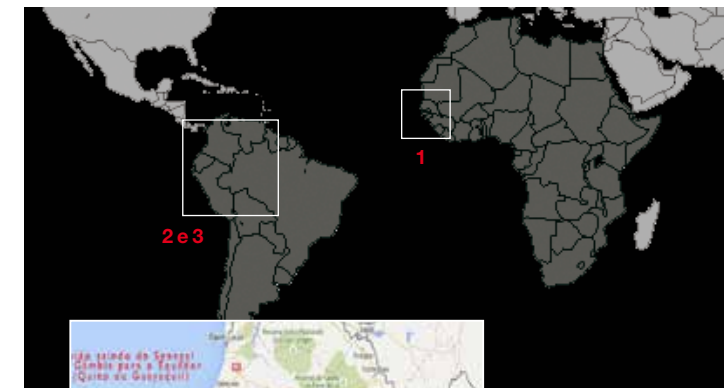
do carro dá para ver a paisagem empoeirada lá fora. Enquanto sacudo na parte de trás da caminhonete, Kaltine Diallo dirige fumando um cigarro atrás do outro. Ao seu lado estão Assane e Kunta Kinté, dois jovens de 17 e 21 anos que depois do colégio trabalham como “aprendizes” do Kaltine, para conseguir uma grana extra. Acabamos de sair de Kabadio, uma

pequena comunidade muçulmana de aproximadamente três mil habitantes localizada no extremo sul do Senegal e onde cerca de 95% da população seguem o sufismo, vertente mística do islã. Aqui se reza cinco vezes ao dia, se crê nos cinco pilares do islã, não se come carne de porco e não se bebe nenhum tipo de álcool. Mas também se segue as tradições ancestrais africanas, como a música, a dança e o canto, criando uma mistura interessantíssima.

Apesar desta riqueza cultural, Kabadio é uma síntese da situação crítica em que vivem muitas comunidades africanas. Não há emprego ou trabalho e a cidade está em meio a uma zona conflagrada num dos países mais pobres do mundo. A renda per-capita no Senegal é de 1072 dólares (no Brasil ela é 11 vezes maior) e 60% da população vive com menos de 2 dólares por dia (contra 2,3% no Brasil). Sua vizinha Gâmbia também tem índices abissais: 55% da população vive com menos de dois

PERGUER DOLGR

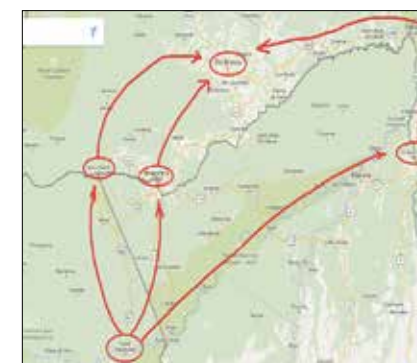
*Iliscencilisi blaore do commy nulput iure tat er suscinc
iliquis nonsectem zrrilit ulla blaore vel utet*



1. Saída do Senegal ou da Gâmbia, em avião, com destino à Quito ou Guayaquil, no Equador



2. De Quito ou Equador, os imigrantes seguem até o Peru. Pelo que eu apurei, muitas vezes eles passam pela capital, Lima, e depois vão até a cidade peruana de Puerto Maldonado, localizada a 230 km de Assis Brasil (tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia).



3. Os imigrantes saem de Puerto Maldonado e entram no Brasil pela fronteira entre Iñapari (Peru) e Assis Brasil (Acre) ou pela fronteira entre Cobiya (Bolívia) e Brasileia (Acre)

dólares por dia e a renda per-capita é de apenas 428 dólares. Mas devido aos altos impostos cobrados pelo governo senegalês e o alto custo de logística, é mais barato comprar na Gâmbia do que em Senegal. “Enquanto um saco de 50 kg de açúcar custa 53 dólares em Dakar, eu pago 28 dólares aqui na Gâmbia”, exemplifica Kaltine, sempre com um cigarro bamboleando no canto da boca.

Depois de passarmos pelo Posto de Fronteira de Daslamin e entrarmos na Gâmbia e chegamos ao destino final: Brikama, uma cidade que tem sua vi-



LENDIAM, SENIM
VOLORPER SECTEM
ZZRIT ADIGNIBH
EUGIAMCORPER SUM
VOLOREET ULPUTPAT
ALIS DO EUGAIT,



da movida exclusivamente pelo contrabando. Nas ruas o clima é de pós-guerra, com carros queimadas e grandes montanhas de lixo e escombros, além de dezenas de velhas Land Rovers como o de Kaltine sendo abarrotadas de mercadorias. “Sei que o que faço é ilegal, mas tenho sustentar minha família”, diz Kaltine no caminho de volta para Kabadio, no Senegal, onde mora. Para sustentar a mulher e seus seis filhos, ele faz esta viagem cinco vezes por semana. Em cada uma delas tem que pagar 25 dólares de suborno para a polícia da Gâmbia. Depois de pagar todos os custos, Kaltine ganha aproxima-



Labolarr
ovit vollupi
tatemque solentus
et vendiaec
epel et offia plia
vtiust autatem rem
qui dign tatemque
solentus et
vendiaec
epel et offia plia
vtiust autatem rem



mente 33 dólares por viagem – quase o que ele paga de propina aos policiais.

“O meu objetivo é deixar minha família com uma reserva financeira para tentar a vida fora do Senegal”, explica. “Agora mesmo meu irmão está no Equador, a caminho do Brasil. Eu também quero ir pra lá”.

DA PONTE PRA CÁ

Mamadou Alliu Diallo, o irmão de Kaltine, chegou ao Brasil em janeiro de 2014 pela mesma rota de outros milhares de africanos, incluindo Serigne Ndaw: o Equador. O pequeno país tem uma das políticas de visto mais lenientes do mundo e requer permissão de entrada apenas para dez nacionalidades. Por isso é a porta de entrada preferida pelas gangues de coioetes internacionais. De Quito ou Guayaquil eles vão por via terrestre até Puerto Maldonado, no extremo sul do Peru. Dali seguem até a fronteira com o Brasil, entrando ilegalmente por Assis Brasil ou Brasiléia. “A viagem de Quito à Lima é bem difícil”, conta Mamadou. “A gente precisa-



va se esconder o tempo todo. E quando chegamos na fronteira com o Peru, tivemos que caminhar por muito tempo no meio da selva, até conseguirmos pegar um ônibus à Lima. Em várias ocasiões, tivemos que viajar escondidos no bagageiro do ônibus. Mas sempre que a polícia peruana nos descobria, tínhamos que pagar suborno”, completa. Para chegar ao país, Mamadou pagou 2.7 mil dólares aos coioetes no Senegal e outros 2.7 mil dólares quando chegou ao Brasil. Todo o percurso

Labolarr ovit vollupi
tatemque solen tus
etW vendiaec epel
et offia plia vtiut
autatem rem qui dign
tatemque solentus et
vendiaec
epel et offia plia
vtiust autatem rem
qui dign



pode demorar até um mês e há diversas denúncias de violência, principalmente dentro do território peruano.

“A Polícia Nacional peruana é muito corrupta. Eles tentam arrancar o máximo que podem dos imigrantes. Eu cheguei ao Brasil só com dez dólares. Isso sem falar do assédio sofrido por imigrantes do sexo feminino”, lembra Esdras Hector, haitiano que já fez o trajeto e hoje trabalha como voluntário no Acre. Esdras conta que alguns imigrantes enfiam dinheiro dentro das costuras das roupas, só para ter os punhos das camisas e casacos descosturados pelos policiais ávidos em busca de dinheiro.

Quase todos os imigrantes, sejam da África ou do Haiti, chegam ao mesmo lugar do Acre: o abrigo Chácara Aliança, em Rio Branco. Como a Hospedaria dos Imigrantes na São Paulo do início século 20, este é um importante ponto de triagem. É aqui que centenas de pessoas – senegaleses de um lado, haitianos de outro, pois os dois grupos não se misturam – se aglomeram em salões e em pequenos quartos

e vivem até conseguirem algum trabalho ou uma vaga para embarcar em um dos ônibus oferecidos pelo Governo do Acre até São Paulo, ponto final para muitos. Mas para muitos outros o destino é totalmente diferente. O Rio Grande do Sul. Foi o que fez Mamadou. Depois de morar em um abrigo no Acre fixou residência na cidade gaúcha de Santa Cruz do Sul, onde ganha a vida como vendedor ambulante.

Por todo o Brasil os principais empregadores de imigrantes são a construção civil e a indústria frigorífica, e esta está especialmente concentrada no sul. Talvez por isso a polícia federal de Passo Fundo, a cerca de 80 quilômetros de Erechim, tenha ganho entre os imigrantes a fama de a mais rápida do Brasil para a retirada dos documentos de trabalho, num típico caso de “o biscoito é mais fresquinho porque vende mais”.

Para os frigoríficos de Erechim ainda há outra vantagem: o abate halal. A palavra vem do árabe e significa “lícito”, pois apenas este tipo de carne, abatido de uma forma específica e por mãos islâmicas, pode ser consumida pelos praticantes da religião de Maomé. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes, o mercado halal é estimado em US\$ 1,35 bilhões anualmente, com crescimento de 8% por ano. Da produção brasileira de frangos e carne bovina, cerca de 30% são destinados ao mercado halal e são vendidos para países como Egito, Irã e Argélia. Um excelente negócio.

CHURRASCO E BOM CHIMARRÃO

“Atenção, atenção! Estamos contratando”. A falta de mão de obra em Erechim é tão grande que é comum ver oportunidades de empregos anunciadas assim, em carros de som.

Quando saiu do Senegal Kadhim Ndiaye, um dos dez moradores da casa dos senegaleses, deixou a esposa nas semanas finais de gravidez. Hoje, o filho que ele ainda não conhece já tem um ano e dois meses e ele ainda não



Labolarr ovit
vullupi tatemque
solen tus etW
vendiaec epel et
offiia plia vtiut
autatem rem qui
dign tatemque
solentus et
vendiaec
epel et offiia plia
vtiust autatem rem
qui dign



tem previsão de poder voltar a ver a família. Kadhim diz que todo mês consegue mandar pelo menos 500 reais para a família no Senegal. “Eu trabalhava como soldador no Senegal. Tenho amigos em São Paulo que já me falaram que eu posso conseguir trabalho como soldador lá”, conta, arranhando no português. “Espero conseguir tra-

zer minha família em breve para morar comigo”, finaliza enquanto compartilha um mate com o senhor Linomar Madrid, o gaúcho que mora ao lado.

“A gente não fala a mesma língua, mas no final das contas acaba se entendendo. Gosto muito de tê-los como vizinhos, eles são sempre assim, alegres. E gostam de tomar chimarrão!”, diz,



simpático, o gaúcho Linomar, com sua inseparável cuia de chimarrão na mão.

Mas nem todos veem assim. Logo que cheguei à cidade fui interpelado por um taxista. “Você está procurando pelos senegaleses? Vai ser fácil, está cheio de negro nessa cidade. Antes não era assim”. O preconceito é grande também aparece de formas menos veladas. “Muitas amigas antigas e pessoas da minha família pararam de falar comigo depois que eu comecei a namorar um senegalês. Se passam por mim na rua, viram a cara”, conta a catarinense Etelvina Lazari, que há dois anos namora Mamadou Sarr. A proximidade com a comunidade é tão grande que ela se converteu a religião islâmica e hoje chama-se oficialmente Musslimatou Etel Lazari.

“Eu considero muitos deles como

parte da minha família. Os ajudo a conseguir emprego, levo ao hospital”, diz ela, que na época da reportagem estava hospedando dois senegaleses recém chegados de São Paulo em sua casa. Foi ela quem enviou, a pedido de Serigne, uma carta à Embaixada Brasileira em Dakar convidando Aissatou. O procedimento evitou que a esposa tivesse de passar pela rota ilegal de imigração. “O filhinho deles eu o amo como se fosse meu filho”, se emociona Etelvina, enquanto espreme o pequeno Mouhamet.

A aproximação entre Etelvina e os senegaleses foi tanta, que há dois meses ela se converteu ao islamismo e agora se chama Musslimatou Etel Lazari. O namoro com Mamadou Sarr, que trabalha como vendedor ambulante no centro de Erechim, completará dois anos em setembro.

GRE-NAL NO SENEGAL

Depois de mais um dia de trabalho, Aissatou e Serigne se encontram em casa e preparam juntos o jantar. Na pequena sala de paredes rosas, Aissatou vai colocando a mesa enquanto Serigne brinca com o filho no sofá doado por uma amiga do casal. O prato do dia será o mafé – comida tradicional do Senegal: uma travessa de arroz coberta com creme de amendoim, tomate e carne.

“Eu e a Aissatou ficamos sem nos ver de 2009 até 2013, enquanto eu me estabilizava no Brasil”, recorda. “Ela chegou aqui em outubro de 2013 e pouco mais de nove meses depois nasceu nosso primeiro filho... no Senegal, um casal sem filho é um casal triste”, finaliza todo sorridente.

Durante o jantar, vemos na televisão os gols do último clássico entre Internacional e Grêmio. Serigne vibra com os gols do Grêmio. Aissatou, que é colorada, debocha e diz que o filho vai torcer para o Inter. Mouhamet Fallou Kdaw, de apenas um ano, metade senegalês, metade brasileiro, ainda tem muito tempo para pensar sobre qual dos dois lados vai escolher. ♣